

A FILA

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

E eis-me aqui, na fila do álcool. O indicador do tanque do meu Fiat ainda não desceu por completo, mas não se pode perder a chance de completá-lo. Afinal, não se sabe se amanhã vai haver a oportunidade. Costumes são maleáveis — mudam de acordo com as necessidades sociais e operacionais. Aprendi a controlar a aflição característica da falta de tempo, do correr a 80 Km para chegar ao destino, seja ele o trabalho com a mesa empilhada de papéis a despachar, seja a casa com o almoço a terminar ou no fim da tarde um banho e um filme no vídeo, quando outros compromissos não exigem uma nova saída.

Estou até aprendendo a relaxar na fila do álcool. Acho que esse aprendizado começou há três noites atrás, quando o sol já se punha no momento em que tomei meu lugar. Havia um livro na pasta, como sempre há. Mas não havia mais luz do dia suficiente. Por sorte, ou por costume, tinha uma fita de músicas calmas, que rodava de um lado e de outro enquanto os carros se movimentavam lentamente em direção à bomba de abastecimento. Rádio, nem pensar. Não tenho paciência para escutar a Hora do Brasil por mais de dez minutos. E de repente a máquina do pensamento se põe a rodar com tanta intensidade que nem mesmo a música registra como um contínuo, só vem como sons esparsos em intervalos bruscos. O anoitecer traz agudamente a sensação de tempos passados. Como na época da rua Aristóteles Caldeira, no fim do dia de trabalho, o ônibus apinhado no centro e só eu e mais uns quatro passageiros no fim da

linha. A passar pelas casas no momento do acender de luzes, o barulho de talheres a tinir num jantar, a sensação de famílias reunidas e o aconchego dos momentos de estar junto, e o visualizar a minha criação de um lar meu, família minha, o sentimento a encher o peito, a doer de expectativa, meu próprio ciclo familiar já insuficiente para preencher essas ansiedades, e as casas simples, com cadeiras na calçada, e na faixa escrita em cima que é um lar, e aí me dá uma inveja dessa gente... e a penumbra do carro trazendo a vívida sensação de angústia do saber, após ter vivido todas as experiências desejadas, que a plenitude ficou na fantasia, a família pode estar reunida em volta da mesa de jantar com os talheres tinindo e estar camuflando seus conflitos, ou os levantando em altos brados, sem garantia de tê-los resolvido só por ter esgotado as súplicas, os gritos e as agressões por aquela vez. Mas no escuro da fila do álcool esses conflitos estão tão distantes, tudo que fica é aquela sensação de vazio, e novamente ameaça crescer a expectativa com uma vida que já se encontra a meio caminho, mas que nem por isso está acabada. Muita aceitação sim. A aceitação de ter renunciado à fantasia, ou mesmo de ter reconhecido onde estava essa fantasia: o reconhecimento do que é concreto e válido, o que fica muito vago quando se iniciam as comparações. O filho do outro que está sempre em encrencas, seja num acidente de carro ou numa briga de rua; um outro com todas suas realizações profissionais, o carro zero quilômetros periodicamente; o desajustado com a vida, que desliga uma tomada automática na cabeça e deixa aflorar suas tendências esquizofrênicas numa fuga inútil ao enfrentar do dia-a-dia; e a minha ausência de tragédia, mas paralelamente minha ausência de camaradagem, de uma visão comum, e a necessidade de batalhar cada escolha, cada encruzilhada, cada decisão — completa na minha solidão de indivíduo, tendo que lutar por cada milímetro de eu.

A morosidade da fila também me leva a aceitar o momento de reflexão, a parada no corre-corre do dia, esse corre-corre que esconde, ou preenche, os vazios do sentir e dá sentido a um novo amanhecer. **When the dawn comes, today will be a memory too, and a new day will begin...** O novo dia vai começar com novo corre-corre,

novos compromissos, novos desejos, novas aceitações. E o escuro da fila contém só um hiato, um vazio agradável de não estar em lugar nenhum, ou entre um lugar e outro, entre uma demanda e outra, entre um conflito e outro. Outros companheiros de fila se enturmam, descem do volante a cada pequena parada para trocar reclamações a princípio, depois piadas e depois quem sabe mesmo o início de uma camaradagem, um telefone trocado, um negócio entabulado, um conhecido comum. E apesar de ser sempre o elemento que segura um papo num momento difícil, que tem a palavra constante numa reunião desagradável de trabalho, me mantenho isolada no meu casulo momentâneo, protegida pelo argumento tão razoável do atrazo, protegida pela sombra da noite que não me exige posicionamentos, protegida pelos companheiros de fila que socializam naturalmente sem exigir minha participação, protegida pelo tempo que o tempo me permite, um hiato entre o reconhecimento das frustrações passadas e a expectativa das frustrações vindouras, num contínuo sem esperanças, embora a desesperança não tenha tido ainda oportunidade de se instalar. O que foi, o que será, não importa aqui neste momento de isolamento, pequenas nuvens encobrendo uma pequena lua que se esboça, e me pergunto o que foi feito de todas aquelas construções que eu fiz da minha vida, minhas projeções de família, minhas expectativas de uma vida cheia, o aconchego da luz da sala de jantar e todos ao redor da mesa. A vida cheia de trabalho redentor que traz o sono exausto do fim do dia, o tanque de álcool do carro vazio, a rua cheia de carros em fila, a noite cheia de promessas de encontros, a grande sensação de vazio na penumbra do carro, a esperança do tanque cheio no fim da fila para enfrentar mais uma semana cheia de trabalho que preencha o vazio das sensações adormecidas.